



estigmatizadas, em consonância, sobretudo, com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável de nº 10 e de nº 12.

METODOLOGIA

O trabalho desenvolveu-se através de uma análise bibliográfica da obra “O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos”, do político equatoriano Alberto Acosta, aliada com pesquisas e leitura de produções acadêmicas disponíveis em sites e plataformas, como o Google Acadêmico e a Biblioteca da Unijuí.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento pós Segunda Guerra, inaugura-se no mundo uma nova forma de dominação entre os países, através de uma classificação “avançado-atrasado”, em que os países centrais começaram a interferir nos assuntos internos dos países periféricos, sob o pretexto de impulsionar o “desenvolvimento”. Porém, com o decurso do tempo, constatou-se, na realidade, que boa parcela do mundo vive um mau desenvolvimento. Nesse sentido já alertava o sociólogo espanhol José Maria Tortosa que “um sistema baseado na eficiência, que tenta maximizar os resultados, reduzir custos e acumular capital” estaria fadado ao fracasso e, graças às suas próprias regras baseadas em jogo de “vale-tudo”, está mal desenvolvido (Acosta, 2014, p. 51, *apud* Tortosa, 2011).

E é nesse contexto de “vale-tudo” que o mundo aceitou a devastação ambiental e social. Todas as relações são resumidas em alcançar uma meta inalcançável chamada desenvolvimento, em que se pode sacrificar tudo, inclusive negar as próprias raízes históricas e culturais, em uma tentativa de atingir a igualdade econômica dos países desenvolvidos e seguir explorando os recursos naturais, que patrocina diretamente as causas do subdesenvolvimento dos países colonizados. Cita-se a acumulação extrativista colonial, que é uma característica estrutural do capitalismo como sistema de acumulação global.

Arelado à ideia de desenvolvimento, está a ideia de progresso, que surge na Europa de 1492, quando a Espanha invadiu o que veio a ser conhecido posteriormente como América e impôs um imaginário social para legitimar a superioridade do europeu civilizado e a



inferioridade do primitivo. Assim, para cristalizar esse processo expansionista, a Europa coloca o ser humano como superior, sem considerar a Natureza em seu conjunto e essência, abrindo o caminho para que o homem passasse a dominá-la e manipulá-la. A partir dessa ideia de superioridade humana, funda-se o ideal de que o humano deveria ser o dono e possuidor da Natureza, uma visão de dominação que iniciou uma impiedosa exploração de recursos naturais.

Nesse sentido, a exploração dos recursos naturais não mais pode ser vista como uma condição para o crescimento econômico. Acosta afirma que “o crescimento material infinito poderá culminar em suicídio coletivo” (Acosta, 2014, pag. 58), o que significa que não há futuro para a acumulação material e interminável de bens que utiliza de forma indiscriminada a natureza, pois esse modelo de maximização de lucros encontrará em si mesmo o seu esgotamento, sendo assim, é insustentável.

Tendo em vista o conceito tradicional de progresso e de desenvolvimento como direção única de crescimento, sobretudo econômico, o que se tem é um estilo de vida consumista e predador, que coloca em risco o equilíbrio ecológico e cada vez mais marginaliza grupos de seres humanos de seus ambientes de origem. É assim que surge a expressão “viver melhor”, que traduz um modelo de progresso ilimitado, que incita uma competição permanente entre os seres humanos para produzir mais e acumular cada vez mais bens, em um processo que se repetiria infinitamente no atual sistema capitalista. Acosta relembra que, para que alguns possam viver melhor, “milhares de pessoas tiveram e têm de viver mal” (Acosta, 2014, pág. 90), ou seja, nem sequer a fome foi erradicada do planeta e, em contrapartida, são desperdiçados mais de um bilhão de toneladas de alimentos, o que demonstra um consumismo exacerbado.

Quando se torna evidente que é inútil correr atrás do que Alberto Acosta chama de “fantasma do desenvolvimento”, inicia-se uma busca por alternativas ao modelo de desenvolvimento. Isso implica necessariamente na superação do capitalismo e de sua lógica de devastação ambiental e social, para buscar outra alternativa de viver coletivamente no pós capitalismo, com a devida cautela para não cair na ilusão do “desenvolvimento sustentável” ou do “capitalismo verde” que surgem das raízes capitalistas ocidentais e que não buscam de forma alguma alterar o processo de acúmulo de capital, mas sim utilizar falsamente propostas sustentáveis para fisgar públicos específicos e seguir corroborando com a deterioração



de transformação civilizatória tendo como base o Bem Viver, que é permeado de uma história de luta e resistência dos povos indígenas. Extraí-se desse trabalho que hoje, mais do que nunca, em meio ao inegável fracasso do sistema capitalista, é necessário construir modos de vida que não sejam regidos pela acumulação do capital. Essa ideia é sintetizada pelos anseios das populações latinoamericanas que buscam reconhecimento de seus direitos e, apesar dos avanços das duas constituições citadas, as ações transformadoras vêm sendo impossibilitadas pelo conservadorismo que se vê ameaçado em seus privilégios. Contudo, são poucos os privilegiados e imensamente maior o número de pessoas que requer uma inversão na lógica eurocêntrica de pensar sociedades.

Palavras-chave: Bem Viver. América Latina. Desenvolvimento. Capitalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Ed. Elefante, São Paulo, 2014.